

# O condão de fazer música da Pedra

POR MONICA RAMALHO

Qual é o segredo para produzir uma obra tão caleidoscópica e multifacetada, que faz um tributo a todos os ritmos e gêneros? O mago das partituras é o maestro Edino Krieger, que compôs música dodecafônica, flertou com a MPB, foi parceiro de Vinícius de Moraes, dirigiu o primeiro festival de música clássica do país e até criou jingles. Acha que é pouco? Pois o nosso herói fez música para teatro, trilha sonora de cinco filmes dos Trapalhões, além de oratórios e peças sinfônicas. Edino vestiu a casaca, empunhou a batuta e fez chover música nos jardins desta cidade maravilhosa.

Compositor e maestro premiado, com passagens por jornais, rádios e instituições culturais, Edino Krieger chega aos 80 anos com a mesma vitalidade de sua música, cada vez mais presentes nas salas de concerto mundo afora. Catarinense de berço e carioca por paixão, Edino nasceu numa daquelas famílias bem musicais. “Meu pai tocava vários instrumentos. O principal era o bandonión, que, aos dez anos, ele já empunhava no cinema-mudo. Depois violino, clarinete e acordeon. Era o mais velho de dezessete irmãos e ensinou música a todos os que cresceram com ele, pois quatro morreram antes de completar 2 anos”. O ano era 1929, quando Aldo Krieger reuniu irmãos, primos e tios do lado italiano e fundou o primeiro jazz band de Santa Catarina. O curioso é que, com

um nome tão sóbrio — Jazz Band América —, a turma fazia música de carnaval. Edino era apenas um garotinho de 1 ano de idade, que mal sabia o quanto aqueles momentos influenciariam nas suas escolhas.

“As minhas primeiras lembranças musicais são dos ensaios do jazz band na alfaiataria do meu avô. Eles afastavam as máquinas de costura e botavam para quebrar. Os jovens da cidade também apareciam para escolher as fantasias, que podiam ser de jardineira, touradas em Madri ou periquito verde”. Na estante, reluziam as partituras que eles mandavam buscar em São Paulo. A banda era formada por dez músicos, cinco de sobrenome Krieger e os outros cinco, Diegoli. “De Brusque, foram solicitados a tocar nas cidades vizinhas. Comecei a assistir aos



“Quando me viu com o violino dele, já tirando umas musiquinhas de ouvido, meu pai resolveu me ensinar a sério. Mandou fazer um violino menor, que hoje pertence ao acervo do Instituto Aldo Krieger”



Rio de Janeiro, 1942

ensaios dois ou três anos depois.” Fora da época carnavalesca, Aldinho, como era conhecido, se reunia com o mesmo time de músicos num boteco qualquer e ali eles preparavam as serenatas para as namoradas. O repertório variava entre polcas, valsas e choros cariocas de Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, que encantavam Aldo desde a adolescência. “A última seresta era na porta de casa, para amaciar a minha mãe, que recebia todos com cafezinho às cinco da manhã.”

O tempo avançou um pouco e Aldo percebeu a inclinação de Edino para a música. Tanto é que num belo dia chegou em casa com um violino de presente. “Era de verdade, veio numa caixa de violino com arco de violino. Acontece que quando você passa o arco no instrumento, ele solta um pozinho esbranquiçado sobre o tampo. E adivinha o que eu fiz? Lavei o violino (risos). Botei num tanque, esfreguei e pendurei para secar no pessegueiro. Quando ele chegou do trabalho e perguntou pelo violino, contei sobre o banho (mais risos). Fomos ver e é claro que o instrumento estava todo torto. O meu pai ficou estarecido, mas não brigou”. Edino costuma dizer que o seu contato direto com a música foi “mais ou menos frustrante” por causa deste episódio.

Aos 7 anos, Edino começou a fuxicar os instrumentos do pai. Com o violino, tocava músicas do naipe de ‘Atirei o pau no gato’ e ‘Ciranda, cirandinha’. “Quando me viu com o violino dele, já tirando umas musiquinhas de ouvido, meu pai resolveu me ensinar a sério. Mandou fazer um violino menor, que hoje pertence ao acervo do Instituto Aldo Krieger.” No mesmo terreno do museu está o Espaço Cultural Maestro Edino Krieger, inaugurado em 2008, na véspera do aniversário de Edino. “Meu pai foi um professor rigoroso: eu tinha que estudar cinco horas por dia, mas tapeava (risos). Às vezes, ele saía do trabalho mais cedo e vinha dar uma incerta. Se me pegasse jogando bola de



Aos 14 anos, Edino Krieger foi convidado para fazer um recital no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. No programa, músicas de Mozart, Schumann e Paganini. Finda a apresentação, o governador Nereu Ramos e sua mulher foram cumprimentar o rapaz e perguntaram se ele gostaria de estudar no Rio de Janeiro

Rádio MEC. Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de Edino Krieger. À direita, ao fundo: maestro Francisco Mignone (de óculos) e Arminda Villa-Lobos (Mindinha, viúva de Heitor Villa-Lobos).

gude, reclamava: 'Como você quer ser um grande músico sem estudar?' Ele tinha razão." O fato é que Edino se dedicou e aos 10 anos estreou nos recitais. Primeiro, em Brusque. Depois nos arredores, como Itajaí e Blumenau.

Aos 14 anos, Edino Krieger foi convidado para fazer um recital no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. No programa, músicas de Mozart, Schumann e Paganini. Finda a apresentação, o governador Nereu Ramos e sua mulher foram cumprimentar o rapaz e perguntaram se ele gostaria de estudar no Rio de Janeiro. "Eu achava que estava sonhando porque conhecer o Rio era um desejo antigo. A proposta do governador me deixou sem



fala! Aceitei imediatamente e embarquei assim que pude. Basta dizer que em 1943 eu fiz 15 anos e já estava aqui no Rio.” Só para variar, a entrada no Conservatório Brasileiro de Música também foi traumática. O diretor Lorenzo Fernandez designou um professor de violino para fazer a audição e determinar o nível de conhecimentos do Edino sobre a técnica do instrumento.

“Eu tocava bem o repertório, mas não sabia fazer escalas nem arpejos com os dedilhados oficiais. O professor não perdoou e disse que eu teria que começar do zero. Meu pai ficou furioso e disse que voltaríamos para Santa Catarina no dia seguinte porque eu não havia ido tão longe para andar para trás. Lorenzo ficou sabendo das intenções de meu pai, nos chamou. ‘Aldo, o seu filho fica aqui e estuda com outro professor’, disse. Eles decidiram tudo porque eu era muito tímido.” No mesmo ano, conheceu Hans-Joachim Koellreutter, compositor e professor alemão, que incluía em seus ensinamentos a música dodecafônica, criada



Edino Krieger (de óculos, paletó cinza e camisa branca, olhando a partitura) assiste a classe de composição de Aaron Copland, que está ao piano

por Arnold Schoenberg. “Quando encontrei Koellreutter no corredor do Conservatório, logo perdi a vergonha: me apresentei e disse que gostaria de fazer um teste para o seu curso de composição. Marcamos para o dia seguinte. Passei a noite sem dormir, evidentemente, compondo alguma coisa para apresentar. Cheguei na sala com duas folhas de papel pautado. Ele olhou e disse: ‘Isso não é nada. Vamos ter que começar do início’. E começamos.”

Aos poucos, Edino se aproximou dos outros discípulos e amigos do mestre. Koellreutter deixou o Conservatório no final do período, mas continuou dando aulas para aquela turma em sua casa, na Rua Viveiros de Castro, em Copacabana. “Eram todos ótimos: Esther Scliar, Guerra-Peixe, Claudio Santoro, Maestro Gaia, Severino Araújo, Tom Jobim e outros. Eu tinha mais contato com os compositores de música de concerto. Santoro e Guerra-Peixe foram bons conselheiros. Santoro era político e me emprestava livros de temática comunista. Com Guerra-Peixe era diferente: passávamos as noites conversando sobre música. Ele morava na Lapa e tomávamos canjica ao amanhecer. Tudo era muito pitoresco.” Em 1948, o compositor americano Aaron Copland veio selecionar três compositores sul-americanos para estudar com ele no curso de verão do Berkshire Music Center de Massachusetts, nos Estados Unidos. Edino foi um deles. E como é habitual em se tratando de Edino Krieger, a chegada na terra do jazz também foi bastante atípica.

Ao Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu) coube organizar a festa de despedida do então jovem músico e cuidar da viagem. Edino conta que a produção mandou as coordenadas para ele e para quem o recepcionaria no aeroporto lá, só que com um dia de atraso. “Eles avisaram que eu chegaria quando, na verdade, eu estava partindo daqui. Fui parar na imigração e o oficial fez aquela série de perguntas. Eu estava só com 300 dólares na

carteira e passaria seis semanas no curso. ‘Maybe one year’, acrescentei, porque havia uma promessa de bolsa na Juilliard School, em Nova York. Fui para uma salinha e fiquei esperando. Pelas tantas, apareceu um cara de branco. Entramos num táxi e perguntei qual seria o nosso destino. Ele respondeu que eu estava sob a proteção do governo americano e achei que estava tudo certo (risos).”

Edino foi levado à Ellis Island, uma ilha ao sul de Manhattan, um famoso centro de detenção de Nova York. “Cheguei num sábado de manhã e, no café, descobri que o lugar era dividido entre quem tinha problemas de imigração e criminosos. Fui aos Correios para mandar um telegrama, mas estava fechado e não me restava outra alternativa, a não

ser passar o fim de semana jogando ping-pong e conversando. Conheci um senhor italiano que estava na ilha havia 30 anos. Ele montou uma barbearia e se ajeitou por lá. Estava cheia de indianos, japoneses, italianos com problemas no visto de entrada no país. Na segunda de manhã, passei um telegrama para todos, incluindo o Copland. Ao meio-dia me chamaram e fui ao Departamento de Justiça de Nova York para ser ouvido. Encontrei meus salvadores, os responsáveis pela minha estada nos Estados Unidos.” Desfeito o mal-entendido, o resto foi só alegria. Edino adorou Copland, conheceu Darius Milhaud e aprendeu a falar inglês com um colega de quarto, trombonista.

Edino analisava as músicas e fazia os exercícios



Rádio Jornal do Brasil, em 1954. Da esquerda para a direita, Edino Krieger, Nélio Machado e Jorge da Silva, o Majestade. Ao piano, Jacques Klein.

nas aulas de Copland. E para este curso, serviu muito o contato anterior com a linguagem serial e experimental de Koellreutter, que tanto interessou aos amigos Claudio Santoro e Guerra-Peixe. “Koellreutter me aconselhou a diversificar. Ganhei a bolsa para estagiar um ano na Juilliard e estudei com um professor da linha neoclássica: Peter Mennin. Estudei também violino com William Nowinsky, assistente do russo Ivan Galamian. Ele achava que eu tinha nascido para tocar violino. ‘Esquece composição. Se eu fosse você, me dedicaria exclusivamente ao violino’, dizia. Até me prometeu bolsa com Max Rostal, na Alemanha.” De fato, Edino atuou como violinista da Mozart Orchestra de Nova York naquele ano e representou a Juilliard no Simpósio de Compositores dos Estados Unidos e Canadá, realizado em Boston.

Antes de ir para os Estados Unidos dividira um apartamento em Santa Teresa com outro aluno do Koellreutter, um flautista e ativista alemão, Walter Elsas. “Deixei uma porção de coisas com o flautista quando viajei. Um ano depois, ao retornar, soube que ele estava em outro endereço. Passei no jornal onde ele trabalhava como linotipista e fomos almoçar um PF num botequim. Ele voltou ao trabalho. Enquanto eu seguia para a pensão onde estava, em Santa Teresa, um cidadão bateu nas minhas costas e disse: ‘Você vai falar com o meu chefe. Por favor, me acompanhe.’ Quando olhei, estávamos indo para a Polícia Central. O delegado queria saber os nomes dos meus irmãos.” O diálogo foi afiado:

“‘Quem é Walter Krieger?’, indagou. ‘Não conheço’, respondi. ‘Desde quando você é membro do Partido Comunista?’, perguntou. ‘Desde nunca’, falei. ‘Qual é o nome da célula que o senhor pertence?’, insistiu. ‘Não pertencço’, escapuli”. Mais uma vez era fim de semana e Edino ficou preso. O delegado confiscou a pasta que ele trazia e inventou um motivo à detenção: propaganda.

“Foi uma época braba, do Eurico Gaspar Dutra”. Cismaram que Edino pertencia à célula Beckman e o pior é que ele havia mesmo assistido a uma reunião dessa célula. Foi quando conheceu Luiz Carlos Prestes. Edino foi salvo por um rapaz com quem dividiu a cela. O rapaz saiu em poucas horas, levando nome e telefone de um irmão do músico. Isso foi em 1949, quando, aos 21 anos, Edino havia colocado um ponto final no capítulo ‘Profissão, bolsista’ - iniciada seis anos antes.

A partir de 1950, Edino sempre acumulou empregos. Por indicação de Francisco Mignone, foi contratado pela Tribuna da Imprensa como crítico de música de concerto. Atuou neste jornal de 1950 a 1952, quando foi convidado pelo Jornal do Brasil. Escreveu no JB até a década de 1970. De 1950 a 1981, foi redator e produtor de diversos programas das rádios Ministério da Educação (atual Rádio MEC), Roquette Pinto e Jornal do Brasil. No mesmo período, foi diretor artístico da Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro (atual Funarj) e em 1969 criou, organizou e dirigiu os célebres Festivais de Música da Guanabara, cujo projeto original foi levado à Secretaria de Cultura por Ricardo Cravo Albin, então presidente do Museu da Imagem e do Som (MIS). A primeira edição, realizada no Theatro Municipal, apresentou 14 partituras inéditas de compositores brasileiros, como Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali, Francisco Mignone, Almeida Prado e o Grupo de Compositores da Bahia. Foi comparada em importância à Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1967 e 1968, Edino havia participado como compositor do Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho. No primeiro ano, com ‘Fuga e antifuga’ (letrada por Vinicius de Moraes) que foi para a final e, no segundo, com ‘Passacalha’. Ambas ganharam medalhas de ouro e foi quando Edino pensou em fazer algo dessa magnitude para a música clássica. Levou a idéia ao diretor

Edino Krieger, 80 anos completados em 17 de março de 2008, possui um catálogo modesto em quantidade, mas soberbo em qualidade: inclui obras para orquestra sinfônica, oratórios, coro, vozes e instrumentos solistas, além de partituras incidentais para teatro e cinema



Edino Krieger tendo ao fundo quadro de Scliar feito a partir de suas partituras

do Museu da Imagem e do Som Ricardo Cravo Albin que, de imediato, a abraçou, designando Edino diretor do Primeiro Festival de Música da Guanabara, realizada na Sala Cecília Meireles, com grande sucesso, rendendo inclusive ao MIS, um histórico CD gravado ao vivo.

“A idéia era fazer três festivais anuais e, depois, transformar em bienais. Em 1970, o festival atraiu chilenos, argentinos e colombianos porque o Gama Filho, então secretário de Cultura da Guanabara, queria que fosse um evento de alcance interamericano”. Acontece que Gama Filho morreu num trágico acidente e a terceira edição não saiu do papel. “Eu já havia escrito o projeto das bienais e o documento ficou engavetado até cair nas mãos de Myriam Dauelsberg. Ela me telefonou perguntando se podia fazer a Bienal da Música Brasileira Contemporânea”. Ao todo, Edino dirigiu as bienais até a 12ª edição, entre 1975 e 1997. Edino também ocupou o cargo de diretor do Instituto Nacional de

Música da Fundação Nacional da Arte (Funarte), de 1981 a 1989, ano em que foi nomeado presidente da instituição.

Avançando mais um pouco nessa questão de datas e cargos, em fevereiro de 2003, foi nomeado presidente da Fundação Museu da Imagem e do Som, vinculada à Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Em 2005 ocupava, além deste posto, o de presidente da Academia Brasileira de Música (em seu terceiro mandato). Exerceu ainda, em 2004, o cargo de diretor da Sala Cecília Meireles. De 2006 para cá, Edino tem viajado para assistir às estréias de suas obras, como a recente ‘Pequena seresta para Bach’, para violoncelo solo, apresentada por Antonio Meneses em São Paulo. Em maio deste ano, por exemplo, foi convidado a passar um mês na Casa de Brahms, em Baden Baden, Alemanha. “Brahms morou nesse endereço dos 34 aos 41 anos e foi lá onde produziu as primeiras sinfonias. A casa foi transformada em museu com partituras, fotografias

## O mais carioca dos catarinenses

O casal Nenem e Edino Krieger mora no mesmo apartamento, na Rua Barão de Itambi, desde 1972. Fica na confluência de três bairros: Flamengo, Laranjeiras e Botafogo. “Nas correspondências, vêm escrito que aqui é Botafogo, mas na certidão do imóvel consta como Freguesia da Lagoa. Acho essa área muito boa porque é equidistante do Centro e da Zona Sul. E aqui você ainda encontra um pouco desse aspecto de bairro com casarões, crianças brincando no parquinho da escolinha, cachorros latindo. Até recentemente tinha um galinheiro bem pertinho. Gosto de tudo isso, embora eu precise de um certo silêncio para fazer música: não consigo compor ouvindo música, por exemplo, ao contrário de Villa-Lobos. Eu me habituei a não recorrer a nenhum instrumento para compor. No máximo, assovio. E para escrever tem que ser à moda antiga, com papel, lápis e borracha”.

## Quase bodas de ouro

Foi através de um desencontro que Edino e a mulher, Nenem Krieger, se conheceram, em 1966. Edino trabalhava na Rádio Jornal do Brasil e fazia a coluna de música do jornal. Nenem divulgava um evento musical do Instituto Goethe e ligou para ele pedindo uma nota na coluna. Combinaram um encontro. Edino estava na rádio, no 7º andar, mas ela entendeu que ele estaria na redação do JB, que ficava no 5º andar. De volta ao escritório, Nenem telefonou novamente e ele não se fez de rogado. “Fiquei tão encantado com a voz dela que fui buscar o material no Goethe. Foi o canto da sereia” (risos). Naquele dia, conversaram das 14h até o fim do expediente, já de noite. “E estamos conversando até hoje”. Nenem e Edino se casaram na igreja em 1969 e alugaram um quarto e sala no Largo dos Leões, no Humaitá. Foi lá onde Fernando nasceu, em 1972 - ele é jornalista e pesquisador, e trabalha na Escola de Música e no Museu Villa-Lobos. Em 1974, foi a vez de Eduardo - o cantor e compositor popular Edu Krieger, em vias de lançar o segundo álbum autoral. O caçula Fabiano, guitarrista do grupo Brasov e da cantora Sylvia Machete e professor de música, veio ao mundo em 1978. A união de Nenem e Edino foi lavrada em cartório em 1979. Eles são avós de Nina, 11 anos, e Cauã, 4, filhos de dois casamentos de Edu.

e um piano de cauda; e também num estúdio que recebe compositores do mundo inteiro — um de cada vez. Você fica lá só estudando a obra de Brahms e, inspirado neste cenário de filme épico, compondo suas peças. Tem uma discoteca com todas as gravações feitas da obra de Brahms e de compositores da época.”

Como o baiano Dorival Caymmi, que escreveu pouco mais de cem músicas em toda a longa vida, o catarinense Edino Krieger, 80 anos completados em 17 de março de 2008, possui um catálogo modesto em quantidade, mas soberbo em qualidade: inclui obras para orquestra sinfônica, oratórios,

coro, vozes e instrumentos solistas, além de partituras incidentais para teatro e cinema. “Não compus mais talvez pelo fato de ter dedicado a maior parte do meu tempo à sobrevivência. Desde os tempos em que era solteiro desenvolvia duas ou três atividades simultâneas e o tempo para criação sempre foi muito escasso. Quando me aposentei, há dez anos, pensei: ‘Agora só vou cuidar da minha música’. E consigo? Toda hora aparece alguma coisa. Isso quando não faço mais do que sou solicitado! Apesar disso, não tenho do que me queixar. O que tenho escrito tem sido executado e a minha música vem sendo cada vez mais tocada.” ■